

MANUEL BANDEIRA FALA DE SUA OBRA*

PAULO MENDES CAMPOS

O crítico, diz T. S. Eliot, deve ter um sentido muito desenvolvido dos fatos. À procura de fatos fomos visitar o poeta Manuel Bandeira com umas perguntas escritas num papel. Não pretendíamos realizar uma entrevista normal, mas uma reportagem exclusivamente literária. As questões estavam na própria obra do poeta. Tentando obter dessa obra explicações tão objetivas quanto possível, moveu-nos a convicção de que, em matéria de poesia, o impressionismo crítico tem nos dado páginas bem escritas e interessantes, mas que esse não é o método mais sério, mais honesto e mais eficiente se desejamos conhecer o poeta e a poesia. O método biográfico de Sainte-Beuve foi a esse respeito uma espécie de introdução à crítica moderna. Antes dele, o eruditismo já havia colecionado copiosas informações sobre os poetas da antiguidade. Entretanto, uma e outra coisa não conseguiram colocar os problemas da poesia dentro de seus focos reais. Eram ambos os métodos incompletos. A vida do poeta não esclarece por si a poesia; a acumulação estatística de informações sobre a obra representava, por outro lado, mera competição de sabedoria vã.

A crítica moderna de poesia vem tentando estabelecer para si critérios mais positivos. Entre os críticos de manga curta

*Publicado em: *Província de São Pedro*, nº 13, Porto Alegre, 1949.

Republicado com licença do autor, a quem agradecemos.

e os críticos de manga comprida vai sem dúvida uma grande diferença, porém, de qualquer forma, ambos procuram equacionar os *mistérios* e os *fatos* da poesia. Hoje não apenas os críticos tentam explicar o poeta. O próprio poeta procura se conhecer, explicando-se. Podemos ver um Stephen Spender analisando minuciosamente os seus processos de criação sem dizimar a emoção que seus versos nos provocam. Podemos em nossos dias buscar na poesia apenas uma excitação emocional. Podemos também buscá-la sob a crença de que os mais belos poemas captam os valores essenciais da vida. Permite-se mesmo que alguém encontre nela uma explicação metafísica do homem.

Nenhuma dessas reações diante da poesia foi até agora suficientemente desmentida. O que, entretanto, podemos concluir do estudo atual da poesia, sem prejuízo da nossa maneira particular de encará-la, é que o conhecimento do trabalho do poeta é também uma das formas mais sedutoras de conhecimento do espírito. Basta isto para justificar o esforço de compreendê-la.

* * *

Nem todas as perguntas dirigidas a Manuel Bandeira foram respondidas. Já o esperávamos, e é natural. Começando, cronologicamente, pela "Cinza das Horas", indagamos: "Quais os poemas preferidos nesse tempo?"

— "Camões, preferido de sempre e até hoje na língua portuguesa, Antônio Nobre, Raimundo Correia e Vicente de Carvalho, Musset, Sully Prudhomme, Herédia, Maeterlinck... Mas há que assinalar como influência a música e os textos de Schubert, tanto que quase pus como epígrafe do livro a frase inicial do "lied" "Der Leirmann".

Há nas "Poesias Completas" um poema que incluído entre "A Cinza das Horas", não figura nas edições anteriores: "Poema rôto" (pág. 13). Manuel Bandeira se explica da seguinte maneira:

— "Poema rôto" — preciso mudar esse título: um desafeto leria "Poema-arrôto" — não entrou na primeira edição porque eu

organizei o livro com uma grande preocupação de lhe dar unidade de sentimento e de forma. Por isso excluí os sonetos parnasianos que dei depois em *Carnaval* e este "Poema rôto" pela circunstância mesma de ser rôto".

Há nesse mesmo poema uma referência à *Viagem à volta do mundo numa casquinha de noz*, o que aparece também no poema "Cabedelo":

*"Viagem à roda do mundo
Numa casquinha de noz:
Estive em Cabedelo.
O macaco me ofereceu côcos.
Ó marinha, ó marinha,
Tu não estavas comigo!...*

- Estavas?..."

O poeta diz:

— "A *Viagem à volta do mundo numa casquinha de noz* é o título de um livro para crianças, cujos desenhos coloridos encantaram minha infância: creio mesmo que foi a minha primeira impressão, sensação profunda de poesia, o primeiro desejo de evasão do cotidiano".

O soneto "Renúncia", que fecha "A Cinza das Horas", é, cronologicamente, o primeiro poema de Manuel Bandeira incluído no livro. O que escreveu antes não foi aproveitado. Escrito em 1906, em Teresópolis, quando o poeta tinha apenas vinte anos assim começa:

*"Chora de manso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia
O mundo é sem piedade e até riria
De tua inconsolável amargura."*

E assim termina:

*"Encerra em ti tua tristeza inteira,
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira".*

"Fi-lo", explica o autor, "numa crise de minha doença, com 40 graus de febre, num estado de subdelírio noturno".

A respeito de "A Cinza das Horas", indagamos ainda quais foram os críticos do livro.

— "As críticas mais longas e generosas que provocou "A Cinza das Horas" foram as de João Ribeiro (*O Imparcial* de 23 de julho de 1917, artigo sob o título "Poesia Nova"), Flexa Ribeiro (*A Notícia*, rodapé sob o título "A Cinza das Horas"), Castro Menezes (artigo na edição vespertina do *Jornal do Comércio*), Leal de Souza (quase toda uma página da revista *Careta*), José Oiticica (parte de um artigo não me lembro mais em que jornal) e Américo Facó (nota crítica na revista *Fon-Fon*)".

Até aqui reproduzimos as declarações de Manuel Bandeira sobre "A Cinza das Horas". Sabe-se que o primeiro livro do poeta teria sido os "Poemetos Melancólicos": os Srs. França Amado e Companhia, editores de Coimbra, não responderam à carta em que Manuel Bandeira propunha o livro. O poeta estava em Clavadel, na Suíça, e com a guerra de 1914, deixou no sanatório o manuscrito dos "Poemetos Melancólicos", não tendo, mais tarde, conseguido refazê-lo inteiramente.

"A Cinza das Horas" foi impressa em 200 exemplares, em 1917. João Ribeiro, antigo professor de Manuel Bandeira no Ginásio Nacional, escreveu no artigo já referido acima: "*A Cinza das Horas*", pequenino volume, é neste momento um grande livro. De tal arte nos haviam estragado o gosto com o abuso das convenções, dos artifícios e das nigromancias mais esdrúxulas que esta volta à simplicidade e ao natural é uma reparação consoladora e saudável. Saindo daquele atordoamento de luzes multicores, de lanternas nipônicas, reentramos com o poeta no frescor ameno das sombras".

* * *

O "Carnaval" foi publicado em 1919, e quase todos os poemas que o compõem foram escritos nos dois anos anteriores. O poeta esclarece uma pergunta nossa:

— "O livro não tem unidade, e por isso mesmo adotei esse título, porque o Carnaval é um divertimento em que todas as fantasias são permitidas. Havia já feitas algumas poesias com

referências a personagens do Carnaval: "A canção das lágrimas de "Pierrot", "Arlequinada", "Sonho de uma terça-feira gorda", "Pierrot branco", "Rondô de Colombiana", "A Rosa", "A silhueta". Foram elas sem dúvida que me sugeriram o título. Depois fiz a "Bacanal", o "Pierrot místico", "Pierrette", "O descante de Arlequin", "Poema de uma quarta-feira de cinzas" e "Epílogo".

Há no "Carnaval" alguns sonetos parnasianos, produzidos na época de "A Cinza das Horas". Manuel Bandeira diz:

— "Hoje me arrependo de ter incluído no livro os tais sonetos parnasianos. Acho que deveria ter começado por um livro intitulado apenas *Poesias*, composto de duas partes — *Pastiches parnasianos* ("A Ceia", "Menino", "A morte de Pã" e outras coisas assim) e "*A Cinza das Horas*".

Para todo mundo, provavelmente, o poema "Os Sapos" deveria ter nascido da intenção de satirizar o parnasianismo. Mas não. Não foi a sátira o seu primeiro motivo:

— "Os Sapos" nasceram da vontade de aproveitar poeticamente um achado folclórico — o bate-boca da saparia: — "Meu pai foi à guerra! — Não foi! Foi! — Não foi!"

"Verdes Mares", datado de 1908, não figura em "A Cinza das Horas". O motivo da exclusão, explicou Manuel Bandeira, é o mesmo da exclusão de "Poema rôto", isto é, não foram aproveitados para que o livro de estréia do poeta apresentasse uma grande unidade de forma e de sentimento.

Assim começa o poema "Rimancete":

*"A dona de seu encanto,
À bem-amada pudica,
Por quem tanto se dedica,
Olhos lavados em pranto,
O seu amante suplica:*

*O que me darás, donzela,
Por preço de meu amor?*

*- Dou-te os meus olhos (disse ela)
Os meus olhos sim senhor..."*

"Rimancete", explica-nos o seu autor, "é influência de

Eugênio de Castro, outro preferido do tempo da "Cinza das Horas" que me esqueci de mencionar".

E quanto ao poema "Toante":

— "As rimas toantes não me foram sugeridas pela poesia espanhola que eu desconhecia então, mas por Charles de Guérin, que li muito por volta de 1907. Um dos grandes preferidos do tempo do Carnaval: Lenau. E mais Apollinaire. Na música: Schumann".

A respeito do "Carnaval", o poeta nos diz finalmente que críticos se ocuparam do livro:

— "Sobre esse livro escreveram João Ribeiro (*O Imparcial*, 15 de dezembro de 1919), Alceu Amoroso Lima "Um precursor", *O Jornal*, 7 de junho de 1920), Otílica, Ribeiro Couto, que conheci pouco antes de publicar o livro. Quem mais? Não me lembro. Lembra-me que mandei um exemplar à *Revista do Brasil* (o diretor era o Lobato). Na resenha dos livros novos saíram umas quatro linhas, dizendo mais ou menos isto: "O Sr. Manuel Bandeira abre o seu livro com este verso: *Quero cantar, dizer asneiras*. Pois conseguiu plenamente o que queria". Nunca soube quem foi o autor desse comentário.

Passamos em seguida a "O Ritmo Dissoluto".

— "A maioria dos poemas do livro", fala Manuel Bandeira, "estão escritos numa forma que ainda não é o verso livre 100%. Há neles ainda um certo senso métrico, em ritmos como que desmanchados, dissolvidos (dissolutos). Daí o título".

Em referência especial, o poeta comenta o poema "Carinho triste":

— "O poema é de 1912 e a forma me foi sugerida por uns poemas de Guy Charles Cros, que li no *Mercure de France*, e outros do poeta inglês Mac Fiona Leod. Não o incluí na "Cinza das Horas" por... discrição".

Sobre o poema "Gesso" faz Manuel Bandeira essa confissão:

— "Os três primeiros versos de "Gesso" foram o problema de expressão mais difícil que encontrei em toda a minha vida

de poesia; levei mais de dez anos para achar a solução definitiva".

Eis o início do poema:

*"Esta minha estatuazinha de gesso, quando nova
— O gesso muito branco, as linhas muito puras, —
Mal sugeria a imagem da vida
(Embora a figura chorasse).
Há muitos anos tenho-a comigo.
O tempo envelheceu-a, carcomeu-a, manchou-a de pátina amarelo-suja."*

É curioso notar nas "Poesias Completas" o grande número de poemas datados de Petrópolis e Teresópolis. Citaremos ao acaso "A estrada", "Sob o céu todo estrelado", "Meninos carvoeiros", "Noturno da Mosela", "Noite Morta" e, mais recentemente, "Ubiquidade", "Piscina", "Pardalzinho", "Peregrinação", "Eu vi uma rosa", "Neologismo", etc. O poeta conta o seguinte:

— "O isolamento fora do Rio, fora das minhas preocupações habituais sempre foi para mim um estado propício à poesia. Eis o motivo de tantos poemas datados de Petrópolis e Teresópolis".

Sobre dois objetos que aparecem em sua poesia (o crucifixo de marfim e a estátua de gesso):

— "Eles existem realmente. O crucifixo pertenceu à minha mãe e espero morrer abraçado com ele, como morreram minha mãe, meu pai e minha irmã".

Sobre o poema "Berimbau":

— "É a minha impressão da Amanônia, que eu nunca vi. Intitulei o poema "Berimbau" por causa da monotonia do seu ritmo".

Falando sobre os críticos do "O Ritmo Dissoluto", arremata Manuel Bandeira:

— "É dos meus livros aquele sobre o qual mais têm divergido os críticos. Se até "Libertinagem", inclusive, é o que Octavio de Faria declarou ter-lhe agradado mais, a Adolfo Casais Monteiro produz um certo mal-estar, aparece-lhe "como uma interrupção da poesia — ressalvadas as exceções de alguns poemas — entre duas fases, entre dois momentos de criação". A

mim me parece que é não interrupção mas transição da poesia entre dois momentos. Transição para quê? Para um clima poético, onde enfim cheguei, tanto no verso livre como nos versos metrificados e rimados, do ponto de vista da forma, e na expressão das minhas idéias e sentimentos, do ponto de vista do fundo, à completa liberdade dos movimentos, liberdade de que cheguei a abusar no livro seguinte, e por isso chamei "Libertinagem".

"Libertinagem" é o quarto livro de Manuel Bandeira e o mais decisivo na evolução de sua poesia. O poeta nos diz:

— "Por esse tempo eu já tinha tomado contato com a poesia moderna da Itália e da França mediante as conversas com Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, já muito sabidos numa e noutra. E um pouco mais tarde Gilberto Freyre me iniciou nos ingleses e norte-americanos — Robert e Elisabeth Browning, Amy Lowell e os imagistas. Mas a influência preponderante continuou sendo a de Apollinaire, a que se juntou a de Mário de Andrade. Esta me parecia tão visível, tão indiscreta, que não pensei em aproveitar certos poemas, que no entanto são reconhecidos como mais autenticamente meus: "Não sei dançar", "Pensão familiar", "Mulheres". É que então eu ainda tinha vergonha das influências: não publiquei (e valerá a pena publicar agora?) este poeminha, porque me parecia demasiado "pau-brasil":

CIDADE DO INTERIOR

O largo

O ribeirão

A matriz

E a poesia dos casarões quadrados

(A luz elétrica é forasteira).

Como nasceu o poema "O cacto"? Nasceu da verídica história de um cacto formidável que havia na Avenida Cruzeiro, hoje João Pessoa, em Petrópolis".

Encontramos nas "Poesias Completas" três poemas em francês: "Chambre vide", "Bonheur Lyrique", "Chanson des petits esclaves" — poemas de qualidade (e bandeirianos), ao contrário de tantos outros versos que poetas nossos do passado deixaram

na língua de França. Manuel Bandeira nos confessa:

— "Nunca deliberei fazer versos em francês. Foi um *pis-aller* e já tentei traduzi-los para o português, sem o conseguir".

Na rua da União, em Recife, Manuel Bandeira brincava de chicote queimado e partia as vidraças da casa de dona Aninha Viegas. Totônio Rodrigues — estou reproduzindo versos de "Evocação do Recife" — era muito velho e botava o pincenê na ponta do nariz. De repente, nos longes, da noite, um sino. Uma pessoa grande dizia: Fogo em Santo Antônio. Outro contrariava: São José. Totônio Rodrigues achava sempre que era em São José. E em "Profundamente":

*"Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Rosa
Onde estão todos eles?"*

Quem foi Totônio Rodrigues?

— "Velho amigo e creio que parente de meu avô materno, era morador da Rua da União. Grande personagem da minha mitologia infantil".

"Lenda Brasileira" é uma história simples:

"A moita buliu. Bentinho Jararaca levou a arma à cara: o que saiu do mato foi o Veado Branco! Bentinho ficou pregado no chão. Quis puxar e gatilho e não pôde.

— Deus me perdoe!

Mas o Cussaruim veio vindo, veio vindo, parou junto do caçador e começou a comer devagarinho o cano da espingarda".

— "Lenda no duro", explica Bandeira, "lida em não sei que folclorista, ajeitada por mim ao Bentinho Jararaca da minha invenção".

"Andorinha" é mais simples ainda:

*"Andorinha lá fora está dizendo:
"Passei o dia à toa, à toa!"*

*Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa..."*

Igualmente simples é esta explicação.

— "O poema foi feito em casa de Ribeiro Couto, em Pouso Alto, sugerido pelo trisso de uma andorinha ao cair da tarde".

Sobre "Noturno da Parada Amorim", um poema hermético, diz seu autor:

— "Esse poema tem uma gênese muito complicada. O ponto de partida foi um fato real. Numa recepção em Bruxelas o violoncelista Emil Simon, meu amigo, já falecido, tocava o concerto de Schumann, quando um coronel do exército belga, que ouvia a música no patamar e estava meio bêbedo, ficou transportado e começou a se agitar, dizendo: — "Quels sont ces sons célestes que j'entends? Il faut que je fasse quelque chose!" o que achou melhor de fazer foi sentar-se na escada e deixar-se escorregar por ela abaixo. Misturei isso com a impressão que sempre me causou de noite uma agência postal fechada, por quê? sei lá! e certas telefonadas alta madrugada, e os descampados dos subúrbios da Leopoldina..."

Um dos poemas mais conhecidos e repetidos de Manuel Bandeira é "Irene no céu".

— "Irene", diz o poeta, "era uma preta que arrumava minha casa do Curvelo. Passava o ano juntando dinheiro para vestir-se de baiana no Carnaval, nas vésperas do qual, aliás, empenhava umas joiazinhas que possuía. Se já não é viva, deve estar mesmo no Céu".

No discurso com que recebeu Manuel Bandeira na Academia, fala Ribeiro Couto dessa casa da rua do Curvelo, "um magnífico rés-do-chão acavalado sobre três pisos de morro abaixo". A casa não tinha cozinha, mas conta o vizinho Ribeiro Couto: "A minha hospedeira, bondosa portuguesa, que sempre se recusara a fornecer comida aos hóspedes, acudiu ao meu apelo: para o Sr. Dr. Bandeira, ali tão sozinho, sem família, e meu amigo, com muito gosto. Passamos então nós dois, privilegiadas criaturas, a regalar-nos, com a mesa que nos preparava Dona Sara; e será negra ingratidão se um dia, em nossas reminiscências es-

critas, não levantarmos um monumento de glória àquelas peixadas, àquelas galinhas de cabidela, àquelas papas, àqueles bifés de cebolada com que a paciente senhora nos compensava da imensa pena de existir".

Manuel Bandeira refere-se ainda a outros poemas:

— "Noturno da rua da Lapa" poetiza um caso passado com Jaime Ovalle na Rua Conde Laje, onde ele morou durante alguns anos".

"Palinódia" é a tentativa frustrada de reconstituir um poema feito em sonho. Ao despertar, só me lembrava dos quatro últimos versos:

*... não és prima só
Senão prima de prima
Prima-dona de prima
Primeva".*

Finalizando sua conversa sobre "Libertinagem", fala Manuel Bandeira sobre o seu poema talvez mais célebre:

— "Vou-me embora pra Pasárgada": O poema de gestação mais longa. Quando traduzia o meu Xenofonte na classe de grego do Pedro II, li umas linhas sobre uma cidade fundada por Ciro nas montanhas do sul da Pérsia, e a minha imaginação de adolescente começou a trabalhar sobre isso, criando um refúgio de delícias, um símbolo de evasão da "vida besta". Mais de vinte anos depois, na minha casa do Curvelo, num momento de profundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo que eu não fiz na vida por motivo da minha doença, saiu-me do subconsciente esse grito estapafúrdio: Vou-me embora pra Pasárgada! Senti que era a primeira célula de um poema. Tentei fazê-lo mas fracassei. Tempos depois, nova crise de desalento desabafado no mesmo grito. Mas desta vez o poema saltou como por encanto".

* * *

Concluindo nossa reportagem com Manuel Bandeira, ouviremos suas declarações sobre os seus últimos livros: "Estrela da Manhã", "Lira dos Cinquent'anos", "Belo Belo", "Mafuá do Malungo".

Sobre "Canção de duas índias" disse o poeta:

— "Interpreto o poema como um símbolo de desejos irrealizáveis. Digo interpreto, porque não escrevi os versos com intenção prévia de criar um símbolo. Aliás, todos os meus poemas nasceram assim, sem premeditação, organizando-se em meu subconsciente sem fiscalização da inteligência e um belo dia irrompendo inesperadamente, como um relâmpago".

— "As três mulheres do sabonete Araxá": escrito em Teresópolis depois de ver numa venda o conhecido cartaz do sabonete. Uma brincadeira em que como no caso do anúncio "Rondô de efeito" (está em "Mafuá do Malungo") pus ironicamente muito de mim.

Manuel Bandeira fala-nos em seguida sobre Jacqueline, a que morreu menina ("Jacqueline morta era mais bonita do que os anjos"):

— "Certa vez, na Livraria Católica, eu e Augusto Frederico Schmidt vimos num livro francês o retrato de uma linda menina morta, Jacqueline. Schmidt, comovido com a fotografia, propôs-me que fizéssemos cada um um poema em intenção daquela Jacqueline".

"Tragédia Brasileira" conta a história de Misael, um funcionário da Fazenda, de 63 anos, que tirou Maria Elvira da Lapa, pagou médico, dentista, manicura, mudou de vários lugares por causa dos namorados que a moça arranjava, e acabou matando-a com seis tiros, privado da razão e dos sentidos. Manuel Bandeira conta que o poema, como a história de João Gostoso, foi tirado de uma notícia de jornal.

"Os Voluntários do Norte" glosa um verso de Tobias Barreto: "São os do Norte que vêm!" explica-nos Bandeira:

— "É uma brincadeira que fiz com alguns amigos a propósito da suposta rivalidade entre literatos do Sul e literatos do Norte. Marques Rebelo e Vinícius de Moraes não levaram a mal a brincadeira. Soube, porém, que Lúcio Cardoso se aborreceu com a coisa, o que muito senti, porque sempre tive grande simpatia e admiração pelo autor de "Inácio" e seria incapaz de escrever nada com intenção de o magoar".

"Conto cruel" faz parte de alguns epigramas curtos de Manuel Bandeira:

"A uremia não o deixava dormir. A filha deu uma injeção de sedol.

— Papai verá que vai dormir.

O pai aquietou-se e esperou. Dez minutos... Quinze minutos... Vinte minutos... Quem disse que o sono chegava? Então, ele implorou chorando:

— Meu Jesus Cristinho!

Mas Jesus Cristinho nem se incomodou".

— "Episódio", diz Manuel Bandeira, "da moléstia a que succumbiu meu pai. O meu momento de maior revolta contra a idéia da Divindade, de cuja misericórdia duvidei amargamente".

— "Rondó dos cavalinhos": escrito durante um almoço no restaurante do Hipódromo da Gávea, almoço de despedida a Alfonso Reyes pelos seus amigos. Do meu lugar à mesa eu via os cavalos na pista".

A respeito desse mesmo poema, contou-nos Pedro Dantas que o poeta escrevera inicialmente num papel apenas os dois primeiros versos:

*"Os cavalinhos correndo
E nós, cavalões, comendo".*

O papel foi enviado a Pedro Dantas, que apenas por fidelidade ao amigo Alfonso Reyes, deixara de ver as corridas àquele dia. No dia seguinte, o poema estava todo pronto.

Prosseguindo, explica o poeta outro de seus poemas curtos:

— "Nietzschiana": satirazinha a uma nossa escritora; quase todo o poema está feito com as próprias palavras dela que eu li numa entrevista dada a um jornal do Rio".

E sobre "Rondó do Palace-Hotel":

— "Lembrança de uma farra de Carnaval com Cícero Dias no saguão do Palace-Hotel".

"O amor, a poesia, as viagens", ainda de "Estrela da Ma-

nhã", é uma quadra:

*"Atirei um céu aberto
Na janela do meu bem:
Caí na Lapa — um deserto...
— Pará, capital Belém!..."*

— "O poema foi escrito quando fui forçado a deixar a casa do Curvelo para me meter num apartamentozinho de quarto e banheiro à Rua Morais e Vale. A Lapa é o ponto mais movimentado do Rio. No entanto, como eu estava moralmente deprimido, me parecia um deserto. De repente me lembrei dos dez dias que passei em Belém, verdadeiro oásis de calma, de *détente* na minha vida. Essa quadrinha, que quase toda gente considera pura tolice, a nossa grande Cecília Meireles chamou-a pura lágrima", o que prova que quando há sensibilidade, receptividade poética, por maiores que sejam as elipses mentais, por mais obscura que seja a parte anedótica, a corrente se estabelece e a comunicação se faz".

Aqui passamos à "Lira dos Cinquent'anos":

— "Desafio" foi escrito em São Lourenço, onde fiz uma cura de águas e de fato remei no lago".

— "Mozart no Céu": escrito em casa do meu saudoso primo José Cláudio, na ocasião em que ouvia à vitrola certo quarteto de Mozart".

— "Em "Parada do Lucas" anotei uma impressão de viagem noturna de trem para Petrópolis. O crime a que me refiro foi o estupro e assassinato de um pequeno jornaleiro ocorrido creio que há mais de quarenta anos.

— "Soneto plagiado de Augusto Frederico Schmidt": simples restituição ao padrão clássico de um soneto irregular de Schmidt".

Realmente, o soneto de Augusto Frederico Schmidt está em "Mar Desconhecido", à página 42.

— "Piscina", prossegue o poeta, "é a impressão de uma noite de luar junto à piscina de um hotel em Petrópolis".

— "Carta de brasão": escrito em casa de Jaime Cortesão,

depois de o ter ouvido ler o brasão dos Bandeiras. A descrição das armas me pareceu em si um poema. Transcrevi-o literalmente. Como foi que isso se juntou com o nome Candelária? Nem eu mesmo consigo explicar essa mensagem cifrada do meu subconsciente".

Chegamos a "Belo Belo", Manuel Bandeira nos adianta:

— "O livro não está completo. Será a "lira dos sessent'a-nos" e nas futuras edições das *Compleatas* incluirei os poemas que for fazendo. Já tenho uma meia dúzia deles, posteriores à publicação".

O poema "Lutador" teve uma gênese curiosíssima:

— "Foi feito durante o sono, com título e tudo; só um ou outro claro da memória tive que encher depois de despertado. É um enigma que tenho de interpretar como qualquer leitor".

Por último, Manuel Bandeira nos fala sobre "Mafuã do Malungo", editado por João Cabral de Melo em tiragem limitadíssima de 210 exemplares. Já vimos um escritor que não recebeu o livro, grande leitor e bibliófilo, propor a outro literato a troca de uma primeira edição de Mallarmé por um exemplar de "Mafuã do Malungo". Inicialmente, o poeta explica o seu título tão feliz:

— "M fuã" toda a gente sabe que é o nome dado às feiras populares de divertimentos. "Malungo" significa companheiro, camarada; é um africanismo: segundo Cândido de Figueiredo, nome com que reciprocamente se designavam os negros que saíam da África no mesmo navio".

"Simultaneamente com o meu livro saiu no México o volume *Cortesía* de Alfonso Reyes, também versos de circunstância; só que o poeta mexicano incluiu a mais versos de amigos que dizem respeito à pessoa dele. Num curto prefácio, muito interessante, depois de relembrar a produção no gênero de Marcial, Góngora, Juana Inês de la Cruz, Mallarmé e Rubén Darío, lamenta Reyes que se tenha perdido o bom costume de tomar a sério — "o mejor en broma" — os versos sociais de álbum, de cortesía. E escreve, a seguir, estas palavras que eu gostaria de ter tomado para epígrafe do meu Mafuã: "Desde ahora te digo que quien

sólo canta en do de pecho no sabe cantar; que quien sólo trata en versos para las cosas sublimes no vive la verdadera vida de la poesia e de las letras, sino que las lleva postizas como adorno para las fiestas".

Terminando, fizemos a Manuel Bandeira algumas perguntas de ordem geral: como escreve atualmente; quais seus poetas preferidos; por que gosta das formas fixas. Eis suas respostas:

— "Como escrevo atualmente? Como escrevo versos? Como sempre escrevi a partir do *Ritmo Dissoluto*: não procurando fazer versos e deixando que a carga do lirismo vá engrossando, engrossando, até romper a minha habitual inércia, numa necessidade fatal de desabafo.

— Meus poetas preferidos? É muito difícil responder a essa pergunta. Depende da hora, das circunstâncias. No Brasil o poeta com quem sinto maiores afinidades é Carlos Drummond de Andrade. O poeta francês meu preferido é Villon. Português, Camões, Italiano, Dante. Nos outros países não tenho nenhuma predileção marcada: gosto igualmente de muitos. Assim, na Espanha os poetas do Siglo de Oro, no romantismo Bécquer, entre os modernos Jorge Guillén, Antônio Machado, Juan Ramón Jiménez, Lorca, Alberti e outros. Na Inglaterra, entre os românticos Keats, entre os modernos talvez Yeats. Entre os hispano-americanos Ruiz de Alarcón, Inés de la Cruz, Darío, Herrera y Reissig, os cubanos Nicolás Guillén, Florit, Ballagas, o equatoriano Jorge Carrera Andrade, os mexicanos López Velarde, Carlos Pellicer, o colombiano Porfirio Barba Jacob, o argentino José Hernandez... Dezenas de outros, mas nenhuma predileção especial".

— "Gosto das formas fixas porque elas são padrões estróficos de raro equilíbrio, vivazes, mnemônicos; porque satisfazem o meu gosto de ordem, de disciplina. Ligou-se a elas, injustamente, a meu ver, um certo *parti-pris* anti-parnasiano. Ora, nas mãos de um grande poeta nunca elas formam exibição de virtuosismo. Baste dizer que quase toda a obra de Villon é de balada".

Por último, perguntamos a Manuel Bandeira que poemas pre-

fere em sua própria obra?

— "Isso também é difícil de responder. Assim, de repente posso confessar certo fraco por "Profundamente", "Noite Morta", "Evocação do Recife", "Poema tirado de uma notícia de jornal", "Poema de finados", "O último poema", "Cantiga", "Momento num café", "Maçã", "Canção da Parada do Lucas", "Canção do vento e da minha vida", "Canção de muitas Marias", "Última canção do beco", "Piscina", "Eu vi uma rosa", "Brisa", "Temas e Voltas", o segundo "Belo Belo".

Manuel Bandeira